

# Desigualdades na Bahia em tempos de pandemia em *Capitães da Areia* de Jorge Amado

*Inequalities in Bahia in pandemic times  
in Captains of the Sand of Jorge Amado*

**Maysa Maria Silva de Miranda\***  
Universidade Católica do Salvador

\*Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Bahia, 1999. Atua como professora de língua Portuguesa e Metodologia da Pesquisa no ensino superior, além de desenvolver oficinas de criação literária, em especial a Literatura de cordel. É professora e tradutora de Língua Francesa. Tem artigos e crônicas publicados em revistas literárias e jornais do estado.

**Resumo:** Este artigo põe em diálogo a questão da epidemia de varíola representada no romance *Capitães da Areia* da autoria de Jorge Amado e no filme homônimo com a direção de Cecília Amado, neta do escritor baiano, com a estética da Necropolítica, termo criado por Achille Mbembe para denominar a expressão máxima da soberania política que reside no poder ditar quem pode viver e quem deve morrer. Tal panorama se apresenta no romance e no filme, e se prolonga até a crise sanitária da Covid-19. Essa atitude agrava a vida da população mais pobre que tem que se expor para ganhar o seu sustento, não podendo cumprir a quarentena para evitar a transmissão do vírus, adoecendo e morrendo mais do que aqueles podem se resguardar.

**Palavras-chave:** Desigualdades; Pandemia; Necropolítica.

**Abstract:** This article compares the issue of the smallpox epidemic represented in the novel *Captains of the Sands* by Jorge Amado and in the homonymous movie directed by Cecília Amado, granddaughter of the writer from Bahia, with the aesthetics of Necropolitics, a term created by Achille Mbembe to designate the maximum expression of political sovereignty which is the power to dictate who can live and who must die. Such a panorama is presented in the novel and in the movie, and still exists until the Covid-19 health crisis. This attitude worsens the lives of the poorest, people who need to expose themselves to earn their livelihood, not being able to comply with the quarantine to avoid the transmission of the virus, getting sick and dying more than those who can protect themselves.

**Keywords:** inequality, pandemics, necropolitics

MIRANDA, Maysa Maria Silva de. Desigualdades na Bahia em tempos de pandemia em *Capitães da Areia* de Jorge Amado. *Léguas & Meia*, Brasil, v.13, n. 1, p. 170-180, 2021.

*Jorge Amado é porta-voz  
Desse mundo dividido  
Onde o branco tem vacina  
E o negro vive sofrido  
Nele o rico é o mocinho  
E o negro é sempre bandido*

Este trabalho só foi possível de ser pensado pela ideia proposta por Edgar Morin de que temos que subir num mirante para poder compreender a sociedade contemporânea, pós-moderna e múltipla em sua tentativa de construção coletiva e hiper comunicativa. A proposta é considerar o discurso literário como repositório da experiência humana porque traduz a essência múltipla e singular permitindo miradas interdisciplinares, não só no processo de crítica como também como estratégia de ensino-aprendizagem. Desta forma constitui-se como caminho pedagógico capaz de promover a percepção do caráter universal do ser humano a partir da leitura do romance *Capitães da Areia* de Jorge Amado. O ponto de vista estabelecido considera o texto literário como espaço de reverberação semântica pelo excesso de significantes que flutuam na tecitura dramática. Dessa forma, configura-se como o mais abrangente espaço de convívio de tendências e características do homem, tensionado pela noção de temporalidade, a qual gera processo de textualidade.

É preciso ter uma visão das forças que entram em tensão neste romance. De um lado, o texto apresenta um eixo horizontal, que nos permite ir para frente e para trás, do outro nos obriga a um processo de verticalização que depende do produto de várias leituras. Nesta presente leitura, destaca-se as forças ideológicas subjacentes à trama no contexto de uma epidemia que se atualiza pelo emergente panorama contemporâneo sócio-político global e local da crise sanitária de uma pandemia contemporânea gerada pela infecção do Novo Coronavírus e que expõe ainda mais as desigualdades vivenciadas no Brasil e no mundo.

Ao empreender essa leitura mediadora, acionada pela consciência dessas forças de composição textual, é preciso atentar para o fato de que além desta imagem

característica, fundida nos eixos nos horizontais e verticais, esta leitura sofre pela atuação de forças centrípetas e centrífugas, configurada como uma espiral ou um círculo, no qual o leitor se inscreve para decodificar o texto e o mundo, como define Robert: Scholes:

A aprendizagem da leitura de livros ou de quadro ou fitas cinematográficas- não se resume à mera aquisição da uniformização contida nos textos, é também aprender a ler e a escrever o texto da vida individual. Assim considerada a leitura não constitui um mero exercício acadêmico, mas uma maneira de se aceitar o facto de que a vida tem uma duração limitada e de que, seja qual for o deleite que cobramos dela, este terá de resultar da força do compromisso com o que nos rodeia” (SCHOLES 1991,p.35)

Dessa forma, é preciso seguir as pistas do exímio narrador que Jorge Amado demonstrou ser desde sempre, sem perder as marcas temporais e históricas que mapeiam a trama, de forma que além de narrar a trajetória dos meninos capitães da areia, traça o perfil de uma sociedade dividida sócio-política e economicamente. Apesar das mudanças ocorridas nas últimas décadas, as quais abarcaram não só as demandas étnico-sociais asseguradas pela constituição de 1988, mas as reparações econômicas, trabalhistas e educacionais, ainda é possível traçar uma equivalência entre o contexto da narrativa amadiana e os momentos de expansão da pandemia da Covid-19 num Brasil enfraquecido e marcado pela exclusão social.

Então, se temos que atentar para o contexto pandêmico em que vivemos, teremos que falar de necropolítica no Brasil atual. Para compreender tal cenário, é preciso considerar o processo de colonização e construção do país. Isso porque o “povo” brasileiro sempre esteve excluído das decisões governamentais, por isso gerando tensões e encorajando ações outras, na medida que dissolve os direitos humanos garantidos e garante projetos de formação e empoderamento de uma sociedade que já experimenta um aumento alarmante da violência urbana e rural.

O romance *Capitães da Areia*, Jorge Amado nos apresenta um mundo desigual, onde convivem os brancos/ricos e os negros/pobres. Trata-se de um panorama epidêmico, no qual os brancos dispõem da vacina para enfrentar um surto de varíola enquanto os negros contam apenas com a forças dos orixás do candomblé. A estratégia

discursiva do autor se dá por meio de uma reverberação semântica que, aos poucos dá conta de um enredo que vai capturando o leitor, aos poucos, tal como uma doença contagiosa vai se espalhando pela sociedade. Dessa forma, vê-se a primeira alusão ao que vai se configurar em epidemia, aos poucos na narrativa:

“ Por vezes morria um de moléstia que ninguém sabia tratar.” (AMADO, 2005,p.92)

Esta primeira referência à epidemia de varíola é “moléstia” a qual mostra-se generalizante e indefinida, como toda doença nova que vai se instalando numa comunidade. A primeira reação está no fato do saveirista e amigo dos meninos capitães os levar para uma festa no terreiro do Gantois, em homenagem a Omolu que vai promover uma vingança pelas mortes dos negros vítimas daquela doença.

Muitas laudas depois, o capítulo Alastrim, ( Amado, 2005,p.143), apresenta o cenário da epidemia na cidade do Salvador, configurada em Cidade Alta dos brancos ricos e Cidade Baixa dos negros pobres. Neste momento há uma extensa citação do orixá Omolu, que é associado às doenças em geral, mas sobretudo às de pele. Como detentor do poder entre doença e cura, Omolu é o responsável pela disseminação, mas também pela cura, procedimento característico da personalidade dos deuses africanos, como Xangô, promotor da guerra e da paz. Quanto à denominação atribuída à doença, o que se vê é uma reverberação semântica motivada pela distribuição do contágio e infestação pela cidade conforme a localização espacial e social também de acordo com a intensidade da epidemia. Então, vê-se um mosaico composto por alastrim / bexiga negra / bexiga branca /varíola/ sarampo. Essa multiplicidade de significantes é característica do texto literário que promove várias leituras para além da compreensão, acionando no leitor a capacidade de desenvolver diversas estratégias de interpretação textual legitimamente validadas não só para cada um dos leitores, mas pelas diversas leituras empreendida por um único leitor.

No enredo do romance Capitães da Areia, a doença atinge o primeiro integrante que se queixa de uma coceira forte pelo corpo. Ele se chama Almiro e junto com Barandão experimenta um relacionamento homossexual, comportamento proibido pelo líder Pedro Bala. Barandão anuncia para o grupo a contaminação de Almiro:

- Almiro está tá com bexiga. Gentes, Almiro tá com bexiga. (AMADO,2005,p.145)

Ao saber que Almiro estava com “uma coceira danada” Pirulito reage e apregoa que é castigo de Deus dos pecados dele, enquanto o Sem Pernas assumindo a voz do chefe que estava ausente o obriga a sair do Trapiche e ir para o lazareto (AMADO,2005,p.146). Então, Pirulito chama o padre Pedro, mas Almiro se recusa a ir para o lazareto e Pedro Bala quando chega atende ao menino que deseja ir para casa da mãe. Assim é feito e dessa forma o padre não notifica a saúde pública e por isso é advertido pelo cônego que o ameaça de ser transferido para longe, perdendo assim o contato com os meninos. Na sequência o Boa-vida aparece contaminado também e vai, por conta própria para o lazareto, de onde retorna curado, mas abatido como um cadáver que ressuscitou.

Para empreender uma leitura de várias visadas, a primeira que salta aos olhos é a possibilidade de ler as forças culturais que compõem essa trama. De um lado a influência da religião afrodescendente, o candomblé, que se estrutura através de entidades que são descritas em lendas que as caracterizam. Assim é impossível não pôr em diálogo a Lenda de Omolu com o que acontece com Almiro. É que o orixá Omolu foi advertido por Olorum que se abstinhasse de sexo durante um certo período, mas ele não obedece e é castigado com o aparecimento de chagas na pele que o obriga, pela vergonha, a fugir para o mato onde é mais machucado por espinhos. Mas é também no mato que ele acha umas ervas que o curam. Daí, ele volta à cidade para levar a boa notícia. Também Almiro é castigado, dessa vez pelo próprio Omolu que rege essas doenças, já que ele praticou o sexo proibido. Outra força cultural vem pelo catolicismo, na figura de São Lázaro, que também foi afetado por doenças de pele e foi curado pelas lambidas de um cachorro. A presença desse santo está na própria imagem da doença, uma vez ressuscitou, assim como Jesus Cristo. Está presente também na palavra lazareto, local para onde iam os desprovidos da vacina, que é uma clara referência ao santo protetor das doenças de pele.

Para falar das representações imagéticas desta narrativa, é preciso descrever as estratégias desenvolvidas, na composição textual, a qual se caracteriza pela coleção de documentos diversos que compõem a introdução do romance. São notícias de jornais, depoimentos de autoridades como delegados, padres, diretores de jornal e até familiares. Esse conjunto de textos foi denominado CARTAS A REDAÇÃO e mostra-se como

uma tentativa de legitimar o que vai ser narrado, tal como os neorrealistas operam, pela necessidade de assegurar ao leitor a sensação de verdade.

Diferente das estratégias para iniciar o relato cinematográfico, realizado por Cecília Amado em parceria com Bernardo Stropiano em 2011. No filme, a primeira cena é a festa de Yemanjá, na qual os meninos participam animados, seja na arrumação das flores no balaio que será lançado ao mar, seja pelos mergulhos e brincadeiras pela areia da praia do Rio Vermelho, que é o local de entrega mais famoso dos eventos para a rainha do mar, em Salvador. Pedro Bala se destaca entre todos, ajudando o capoeirista e saveirista Querido de Deus na arrumação do saveiro e na posterior entrega. Para compreender essas estratégias cinematográficas, Lícia Soares de Sousa lembra as relações intersemióticas as quais ela revisa em *Literatura e Cinema* lançado em 2009 e que estabelecem relações sintagmáticas que compõem a gramática do cinema, destacando-se a força narrativa por entre os jogos correspondentes entre os diversos significantes e significados. O resultado desses jogos determina uma certa equivalência dos planos cinematográficos com o discurso verbal.

Dessa forma, há considerar a dicotomia sócio-econômica estabelecida por Jorge Amado para ilustrar os recursos de brancos e negros apresentados no romance, já que Omolu é o Orixá que primeiro se apresenta para esse grupo social, na cena em que é citada a festa para esse Orixá, como forma dele diminuir a força da epidemia, constituindo como recurso dos pobres e negros, enquanto os brancos e ricos contam a vacina. Mas no filme, é Yemanjá que primeiro aparece como para inserir os capitães no contexto da cultura afro-brasileira. Na análise realizada por Jacques Salah sobre a presença dos orixás na obra amadiana, *A BAHIA DE JORGE AMADO*, 2008. Neste trabalho, ele observa que as divindades estão agrupadas a partir da importância em dois grupos. De acordo com essa seleção, Omolu estaria num segundo grupo, cuja importância é menor pois seu aparecimento estaria condicionado a um aspecto bastante específico de uma trama. Assim se dá em *Capitães da Areia*, no qual existe mesmo um capítulo inteiramente dedicado a Omolu. Para ele é bordada uma toalha de lantejoulas e os tambores batem por toda uma noite, no terreiro de Pai Paim, mas não é suficiente para aplacar a fúria da epidemia. Para ilustrar a trajetória da epidemia, no capítulo *ALASTRIM*, o narrador representa discursivamente o fenômeno da reverberação

semântica, na medida que nomeia a doença com várias palavras, cujos significantes vão sendo ressignificados a cada noção necessária ao desenvolvimento da trama. Assim apresenta-se um leque que abarca os significados relacionado à força da epidemia, seja em bexiga negra, bexiga branca, alastrim, além de estabelecer os paradigmas de registro já que tais denominações convivem com as palavras padronizadas expressas em varíola ou sarampo. Desse modo, é traçado o perfil da doença que atinge seu pico e vai enfraquecendo, ao ponto de permitir que Dalva se alegre e ainda console o Gato que lhe aparece abatido pelo surgimento da doença entre os capitães.

A cena seguinte no filme é a do Carrossel armado na Ribeira, para onde Padre José Pedro os leva no intuito de ajudar o dono que os recompensa com a possibilidade de usufruírem dos equipamentos e também provarem as guloseimas que o padre compra, retirando dinheiro da caridade, motivo pelo qual será advertido pelo cônego. No livro, essa cena pode ser descrita como uma das mais emocionantes já que eles, por alguns momentos, voltam a ser crianças e desfrutam da pura alegria de subir e descer nos cavalinhos desgastados, mas ainda capazes de fazê-los sonhar. Entretanto, no filme para além da cena emocionante, a trilha sonora assinada por Carlinhos Brown é um elemento poderoso que se agrega à configuração da cena, tornando-a ainda mais tocante num jogo sinestésico de luzes, melodia e letra absolutamente envolvente, chegando a um lirismo inusitado e ressignificado porque preserva a carga emotiva traçada pela escritura amadiana.

A próxima imagem que surge revela a imagem do Trapiche, construção abandonada cujo espaço constitui não só a morada, mas uma espécie de depósito para armazenamento dos objetos roubados a serem comercializados, aos poucos, com os comerciantes que se mostrarem mais fiéis ao modo de vida desses meninos. Aí, o menino Barandão chama o amigo Almiro para “ir lá fora” onde faziam o amor proibido pelo líder Pedro Bala. Mas ao chegarem flagram Ezequiel roubando os companheiros capitães e o denunciam para Pedro Bala que o expulsa do grupo. A primeira referência imagética é a de um cartaz de propaganda da vacina, pregado numa janela perto do local em que Bala e o professor estão comendo.

A segunda referência imagética é uma festa em homenagem a Omolu, orixá que representa as doenças de um modo geral, mas em especial as de pele. Eles falam que é

uma vingança do orixá contra a vacina dos brancos ricos. Logo após, a cena retorna para o trapiche, onde o Almiro confessa a Barandão que “está com uma coceira danada”. Depois de todas as reações negativas, inclusive as de Sem-Pernas que quer expulsá-lo de imediato do trapiche para evitar o contágio. Mas Pedro Bala chega e intervém dizendo que vai pensar porque tem que resolver com o grupo. Então, após ouvir a todos, acata o pedido de Almiro que quer voltar para a casa da mãe e pede a Querido-de-Deus que leve o garoto até lá, de onde não voltará.

Em seguida, referência à epidemia está na cena de Dalva, a prostituta namorada do Gato, que aparece ouvindo um disco, toda animada e pede para ele se animar porque a epidemia já está acabando e “ tudo vai voltando para as coisas”. É que ele está muito triste com a recente morte de Almiro e a quarentena que estão vivendo, ocasionando a queda de movimento queda no movimento da cidade e conseqüente parada das atividades deles. Vale ressaltar que o modo de vida que eles vivem, escondidos no trapiche e negociando com os comerciantes mais suspeitos da cidade os obriga a viver cotidianamente uma espécie de quarentena social que se intensifica com a quarentena sanitária com a qual eles se veem obrigados a cumprir, portanto a quarentena dentro da quarentena.

O cenário de configuração da epidemia na narrativa, reproduzida no filme, se consolida com a chegada de Dora e seu irmão Zé Fuinha no grupo dos capitães, ambos andando sozinhos pela cidade, depois da morte da mãe, vítima da varíola. Depois de uma reação negativa, ela é aceita por eles como uma irmã e mais tarde como uma dos capitães já que ela insiste em participar das atividades desenvolvidas pelo grupo.

Neste momento da trama, o trapiche recebe a visita da uma mãe de santo que pede aos garotos que recuperem uma imagem de Ogum que a polícia confiscou ao fazer uma batida no terreiro que ela comandava. Mais um orixá faz parte do enredo tal como uma personagem. Pedro Bala vai para a delegacia e consegue pernoitar por lá, de modo que consegue pegar a imagem e ao retornar ao trapiche, é saudado com vivas e gritos de alegria.

Depois de uma desavença Ezequiel, um dos meninos, trai Pedro Bala, entregando-o à polícia que o leva para o tão temido reformatório. Lá, Bala sofre, passa

fome, apanha muito e por fim vai para o trabalho forçado nos canaviais do interior do estado, contudo consegue escapar. Mas, ao sair tem a surpresa de Dora ter sido internada no Orfanato, onde está acamada pela contaminação com a bexiga negra. Então, Bala vai tentar tirá-la de lá para curá-la com a ajuda dos orixás. É que Don'Aninha vai fazer um “trabalho” que não adianta pois ao amanhecer ele está morta. Durante a noite, Dora pede para se tornar mulher de Bala e o sexo aparece mais uma vez como castigo, já que ela não resiste e morre. O saveiro de Querido-de-Deus é o seu carro fúnebre, que se distingue pela falta de dignidade dos enterros atuais, quando a família não pode se despedir dos seus familiares. E Dora vai ter seu sono eterno nas águas de Yemanjá.

É possível considerar que apesar de toda exclusão característica da vida dos capitães, havia uma contrapartida já que eles dominavam as ruas da cidade de Salvador, desfrutando do carinho do também excluído povo de santo, dos mercadores e das prostitutas, além do Padre José que arrisca sua vida em prol de ajudá-los. Contemporaneamente, na contramão das atitudes negacionistas do governo hodierno, o povo brasileiro que sempre foi conhecido por sua acolhida e solidariedade, demonstrou ainda mais uma enorme capacidade de compartilhar toda sorte de ajuda e cuidados uns com os outros. Isso é fato, seja pelas ações particulares ou por instituições não governamentais. Dessa forma, podemos vislumbrar um diálogo com os dias atuais da crise sanitária provocada contaminação do coronavírus da Covid 19 e aquela realidade configurada no romance amadiano do descaso com as populações populares, com destaque para os negros que não tinham acesso aos cuidados com a saúde. A persistência desse comportamento mostra ainda hoje a manutenção do abismo entre as classes sociais, entre brancos e negros/mestiços na Bahia em específico, mas no Brasil como um todo já que o atraso e o desencorajamento das vacinas impedem que a epidemia seja debelada de uma vez.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. Lisboa. 2005. Don Quixote. 8ª. Edição.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica – biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Trad. Renata Santini. São Paulo; n-1 Edições 2018.

SALAH, Jacques. *A Bahia de Jorge Amado*. Salvador. 2008. Casa de Palavras.

SCHOLES, Robert. *Protocolos de Leitura*. Lisboa. 1991. Lisboa 70.

SOUSA, Lícia Soares de. *Literatura e Cinema*. Traduções Intersemióticas. Salvador. 2009. EDUNEB

Filme - *CAPITÃES da Areia*. Direção de Cecília Amado. Salvador. ANCINE, PETROBRAS Cultural . 2009. 140m.